



Ensino farmacêutico: por que é preciso mudar?

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia (CFF)
E-mail presidencia@cff.org.br

O Conselho Federal de Farmácia comemorou a realização da V Conferência Nacional de Educação Farmacêutica. E teve motivos de sobra para isso. Não que o ensino farmacêutico esteja uma maravilha, depois da implantação das Diretrizes Curriculares, em 2002. O que nós comemoramos foi o debate inteligente, proveitoso, transformador.

O debate é a maneira para se extrair desta efervescência convulsiva que sacode o ensino de Farmácia o caminho por onde a profissão deve trilhar. Em verdade, ele já está delineado, pavimentado. É o caminho que colocará o farmacêutico ligado à sociedade, numa relação de causa e efeito com esta. Afinal, é para servi-la – e servi-la bem – que a nossa profissão existe. E só servirá bem, se for muito qualificado. Mas uma qualificação abrangente.

Antes das Diretrizes, diretores, coordenadores e professores de cursos de Farmácia; acadêmicos e farmacêuticos clamavam por mudanças que salvassem o ensino de Farmácia das garras do brutal tecnicismo em que ele estava mergulhado. A situação era a seguinte: se, por um lado, uma nova sociedade apresentava-se múltipla, comple-

xa, plena de informações, contraditória, questionadora, martirizada por velhas e novas doenças, por outro lado, estava a academia, voltada para o seu próprio umbigo técnico e científico, para formar um profissional voltado para o trabalho, para o mercado. Mas, e a sociedade? E as doenças? E o SUS (Sistema Único de Saúde)? E o atendimento à população nas farmácias comunitárias?

O ensino vivia numa verdadeira clausura construída com os muros tecnicistas, como se tudo o que as suas ciências fossem capazes de produzir não tivessem que saltar o muro e gerar, do lado de lá, uma consequência, um objetivo, que é o bem-estar da sociedade.

Era estranho ver, lá fora, os debates, os clamores populares e do próprio Governo e do Congresso Nacional pela cura das doenças; as mobilizações por melhorias na saúde e por soluções de problemas sociais fundos, enquanto a academia portava-se como se a sociedade fossem os outros.

Mas chegou uma hora em que a academia percebeu o tamanho do espaço que a separava da sociedade. E começou a querer as mudanças, mas não conseguia concentrar a energia necessária para fazê-las. Faltava o debate, a confluência de idéias.

Foi, aí, que entrou, na história, o Conselho Federal de Farmácia, materializando o sonho da transformação. Para tanto, criou a Conferência Nacional de Educação Farmacêutica para ser o

fórum dos debates. Em abril deste ano, a Conferência chegou à sua quinta edição. Das Conferências, dos debates gerados, das idéias, nasceu a proposta de reforma, que foi encaminhada ao Conselho Nacional de Educação, órgão do Ministério da Educação, que a aprovou e a tornou obrigatória.

As mudanças estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares (até 2002, o curso de Farmácia não tinham uma diretriz) implantaram uma educação mais humanística, genérica, capaz de despertar no acadêmico a sensibilidade aguda para as questões sociais, mas sem perder a densidade técnica e científica, obviamente. Afinal, o usuário do medicamento é, antes de tudo, um ser social que nasce, vive, aprende, reproduz-se, morre, e, para compreendê-lo e servi-lo, é preciso ser um profissional dotado, também, de conhecimentos filosóficos, sociológicos e ontológicos, além de apurada visão social.

Pois bem, a V Conferência Nacional de Educação Farmacêutica foi pródiga, mais uma vez, em pôr todas estas questões à luz do debate democrático. E mais: de levar as unidades de ensino a captarem a filosofia das Diretrizes e se adaptarem às mesmas. E é assim, grande na capacidade de debater, que o ensino vai adquirindo os contornos daquilo que ele busca ser.

Por outro lado, as autoridades perceberam que a saúde pública não dará um passo à frente, se não contar com os serviços farmacêuticos. O SUS (Sistema Único de Saúde) é o foco das preocupações do Governo. Por isso, criou os NASFs (Núcleos de Apoio à Saúde da Família) uma conquista da categoria, que tem no Conselho Federal de Farmácia o seu paladino. É, nos Núcleos, onde irão atuar os farmacêuticos.

Como se não bastassem esses elementos efervescentes, o Governo passou a acenar com outras providências, no sentido de levar os estu-

dantes da área da saúde a compreenderem o SUS em sua inteireza e a atuar no Sistema. Nesse sentido, os Ministérios da Educação e da Saúde criaram programas, como a Residência Farmacêutica em unidades do Sistema e outros.

Este novo mundo aberto tem um preço para o farmacêutico: ele precisará qualificar-se, para enfrentar as novidades, os modernos desafios. Afinal, ele o profissional irá lidar com outras situações, a exemplo da atenção básica, da multidisciplinaridade, das equipes multiprofissionais. Enfim, vai lidar com a sociedade, de forma visceral, pois o SUS é a sua tradução mais pura. No Sistema, a sociedade está representada e é atendida por ele.

Tenho para mim que o farmacêutico fará jus aos esforços do CFF, que tanto lutou para levar os serviços farmacêuticos para a saúde pública. Estou convicto de que a presença dos farmacêuticos nos NASFs reverterá os indicadores negativos, como os de que 40% dos casos de intoxicação, no Estado de São Paulo, são causados por medicamentos; de que, no Estado do Rio de Janeiro, 50% das re-internações têm origem na utilização incorreta do medicamento prescrito ou por abandono do tratamento; de que há desperdícios de milhões de reais com medicamentos com validade vencida nos depósitos do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde; de que somente 50% dos pacientes tomam medicamentos, corretamente, e de que a resistência microbiana é crescente.

Está terminando o ciclo de gerações de governantes marcadas pela incapacidade e desinteresse atávicos de perceber a importância dos serviços farmacêuticos na saúde pública. O tempo é de mudanças e a Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, realizada pelo CFF, através de sua Comissão de Ensino, é a sua caixa de ressonância.